

Resisto a tudo. Menos à tentação.

Autor é um termo já bem ultrapassado

como eu, poeta e tais.

Que tal delator de palavras premiadas

velhas ou não?

Proleitor de novas excrescências verbais?

Coletor de prole de fragmentos líricos?

Poeta já era.

É o operador de verbos transbordamentáveis

por exemplo.

Ou é o cara que tange palavras. Como ovelhas.

Ajunta verbos na página da alma. No redil livresco.

Ultrapassamentos do poeta mau destino.

Emana de mim algo poético, então?

Toda verdade é equívoca.

A mola propulsora do poema absoluto

é um hífen com um clips.

Ele transporta o poeta ao porvir

e o leitor ao escuro de si.

É que o leitor defronta-se

com seu si e o dos poetas complexos

depara-se com uma maré vazante...

seus vazios e fontes, sua resma de lodo

seu aval ou circunferência louca...

e se desprende do desespero

iluminando-se invariavelmente.

O poema absoluto já foi capaz de

fazer seu leitor renascer no futuro.

Dê a ler seu coração.

Melhore o enfarte vital.

É encarar fios acerbos de navalhas

ofício poeta absoluto.

É trabalho com ânimo

cheio de pântano poema absoluto.

E revisitar a gênese obrar

poema absoluto.

(Como eram afinal os WC's do éden?).

Senti que pisei o ser quando

ontem terminei poema absoluto.

O pó do ápeiron.

Quando usei pela primeira vez

a palavra obsidiana

subi pelas paredes e... quebrei o traço.

À libertação do discurso ordinário.

Todo limiar tem seu ilimite.

O signo do infinito encantou-se

com o signo da eternidade

num quando qualquer ontem

e forem morar juntos.

Num homolar epistemológico qualquer.

A vida do desejo é irreconhecível.

O que irriga a vida, a veia e o

sangue vital é o desejo. Esse

senhor da razão e proprietário do instinto.

Por o poema não suportar

explicações e não ter cobertura

sentimental (ao não abrigar o

ego dissimulado), é poema absolutamente.

Rumino a palavra no coxo da página. Longe da alma.

Adeus, finito. Não mais me satisfazes.

O absoluto é prático e tirano.

Em Holderlin, a poesia substituiu a religião.

Seu evangelho é lírico e soberbo.

A humanidade não marcha: murcha.

Limbos não são mais brancos.

Certeza do absoluto da beleza.

CRÔNICA DO FACEBOOK (do livro U)

Escrito por Administrator

À verdade do belo (nada literal).

Irrevelada no poema ainda.

Ao absoluto inacessível.

Mas absoluto.

{comments on}